

O homem produz por amor à terra

O incentivo à produção agropecuária está sendo o slogan da nova "política econômica" do governo Figueiredo. Crédito, seguros, projetos de assistência, integração do homem rural, aumento da produtividade e elevação do nível de vida do meio rural são expressões cotidianas nas repartições, entre técnicos deitados sobre suas experiências genéticas através de cruzamento de diferentes espécies, projetos de recuperação do solo, adubações etc. Os técnicos trabalham em pesquisas, desenvolvendo teses, experimentando nas fazendas das reservas do governo. No cerrado da região do DF (há outros tipos de cerrado, sendo que esse é o mais precário quimicamente), há mais de uma década que estudos são feitos pela Embrapa e outros órgãos.

Distante de tudo isso, alheio às discussões sobre sua situação está o sujeito dos estudos: o homem rural. Com tecnologia certa ou errada, com ou sem crédito, dono ou não das terras, ele produz. Geralmente não tem nenhum estudo, tem mãos calejadas, unhas sujas de terra, pele queimada do sol, muito trabalho e um inexplicável (conforme eles mesmos declaram) apego à terra que nem lhes pertencem. A maioria não chega a entender bem o significado amplo de sua atividade econômica, sabe apenas que depende dela para viver e colocar seu filho na escola.

Num panorama como esse, parece impossível que dois esforços tão desvinculados venham a convergirem e interir-se. Nunca tivemos assistência técnica em Brasília", declarou o presidente do sindicato.

O técnico diz que é necessário a interação, o homem do campo não entende direito, mas crê que seja uma coisa boa, pois vão aprender como plantar melhor e produzir mais. Os estudiosos experimentam, protelam, justificam a ausência da prática na falta de tradição do agricultor de Brasília, que dificulta o processo de produção.

A tal falta de tradição foi um dos itens levantados pelo diretor técnico da Emater-DF, Waldir Giusti, como causa da baixa produtividade. O presidente do sindicato ignora a teorização e aponta inúmeras outras causas, alegando que o produtor de Brasília tem tradição, já está aqui há muitos anos e quem está chegando de outros Estados já tem alguma prática de plantio. Para ele, a baixa produtividade não é resultado da ignorância do produtor, mas sim dos obstáculos que ele tem que enfrentar e o enfraquece, como o principal: não ser dono de sua própria terra. "Trabalhar para quê? Não temos lugar nosso, que é o sonho de todo ser humano, e trabalhamos sem ter certeza se nossos filhos vão desfrutar disso. Indenizações dadas em consequências da desapropriação não corresponde a nada do que fazemos. O governo fixa o preço de uma árvore de avenida em média 300 cruzeiros e um pé de laranja cultivado, capaz de gerar frutos, em 70 cruzeiros".

ALEXANDRE GUSMÃO

Episódios atuais são constantes ameaças ao agricultor do DF. Alexandre Gusmão, um núcleo com 86 produtores que significam muito para a economia do DF, principalmente em termos de conquista. O lugar produz hortifrutigranjeiros que são vendidos no mercado brasiliense há mais de vinte anos, no entanto, numa época em que a política econômica do novo governo dá ênfase à produção agropecuária, uma área produtora



O agricultor é explorado pelos permissionários dos boxes nos hortomercados da SAB, que nunca pagam um preço justo

é desapropriada para loteamentos de mansões, pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), um dos órgãos responsáveis pelas terras com o compromisso de promover uma distribuição justa.

Outra incoerência presente no meio rural do DF, onde se encontra a particularidade do caso das terras arrendadas, é a escala de valores de bens produzidos numa propriedade rural. No caso de haver uma desapropriação, o arrendatário é indenizado de acordo com o que o loteamento contém. Um dos produtos que mais valorizam esse loteamento é o eucalipto, plantado pelos chacareiros em torno da propriedade para dar-lhe certa garantia, mesmo que isso lhe custa o esgotamento do solo, pois o eucalipto não é uma planta adequada para o cerrado, segundo os técnicos. As plantas ornamentais valem mais que as frutíferas, o que constitui na falta de incentivo total, se juntada as dificuldades de créditos, insegurança, altos investimentos na produção, para o plantio de outras culturas mais essenciais ao consumo.

PLANTE QUE O JOÃO GARANTE

"Plante que o João garante" é promessa vista com certa ironia tanto pelos técnicos quanto pelos produtores. O João garante — dizem eles — 100% de indenização no caso de perda de safra de

produtos básicos ao consumo e economia do país.

— A garantia na agricultura não é certa — declarou o engenheiro agrônomo, Jean Kleber, com grande experiência em cerrados. Segundo ele, os riscos estão sempre presentes, como lhe aconteceu há cinco anos atrás, com uma experiência de plantar tomates, juntamente com outro engenheiro. Os dois limitaram uma área, trataram-na com a mais adequada tecnologia e plantaram tomates. Passada a época de desenvolvimento a planta deu excelentes frutos, pois os técnicos não haviam economizado investimentos para tais efeitos. Já nas vésperas da colheita, caiu uma chuva de pedras que arrasou toda a planta e lhe fez duvidar das garantias físicas que o cerrado oferece (ausência de geadas, chuvas de pedra e outras). Segundo ele, chover pedra no cerrado é uma raridade, mas pode acontecer e o agricultor sabe disso, assim como sabe que não é só plantar e o João garantir sob certas condições. Para eles é necessário, segundo o presidente do sindicato, ter suas próprias condições, que só mesmo ele calcula por ser o único a viver seus problemas particulares.

— A garantia principal seria a terra, onde o homem pode fixar-se ligar-se, investir-se. — declarou o presidente do sindicato — As desapropriações são constantes ameaças que não consideram o esforço do homem para melhorar e trabalhar a terra.